

# Investigação em Enfermagem em Portugal - (Pre)curso Histórico

Manuel Gonçalves Henriques Gameiro \*



O artigo inicia-se pela identificação dos recursos de conhecimento de que as pessoas podem dispor na procura de respostas para as suas questões do quotidiano. Analisa-se como cada um desses recursos tem sido ao longo dos tempos mais ou menos privilegiado pelos enfermeiros na sua prática, considerando o contexto sociocultural e as idiosincrasias do ensino e do exercício da profissão.

É discutida a importância do conhecimento baseado na investigação científica, no sentido de melhorar a qualidade dos cuidados e de defender um espaço profissional, baseado num corpo de saberes próprio, legitimado pelo rigor da metodologia em que se baseia e reconhecido pelo valor social da sua aplicação.

Por último, são assinalados alguns marcos do percurso histórico da investigação em enfermagem em Portugal e, baseados nas tendências emergentes e na evolução em outros países, são formuladas algumas perspectivas possíveis para o futuro da investigação em enfermagem no nosso país.

## Nota Introdutória

Antes de avançarmos para a análise do percurso histórico da investigação como recurso de conhecimento para os enfermeiros, consideramos que pode ser interessante (e útil) reflectir nas outras fontes onde as pessoas, e em particular as enfermeiras e os enfermeiros, ao longo dos tempos, encontraram as respostas para os problemas do quotidiano e da prática profissional.

NOTTER & HOTT (1988), salientam quatro enfoques que consideram os mais importantes, utilizados ao longo da história para explicar os fenómenos: a *magia*, a *autoridade*, o *raciocínio lógico* e, por último, o *método científico*.

Baseadas num *pensamento mágico*, as crenças nas forças do sobrenatural e no poder das divindades

constituíram (e constituem ainda) uma fonte de explicações para fenómenos incompreendidos. Hoje são ainda, muitas vezes, um último recurso quando faltam explicações mais racionais ou empíricas.

A organização complexa e hierarquizada das sociedades humanas permite (e muitas vezes exige) o recurso a *autoridades*, pessoas com experiência e especializadas em determinadas matérias, homens “sábios” com predominância hierárquica e cuja consulta pode ser indispensável e por vezes mesmo obrigatória na tomada de decisões. De facto, em situações de urgência, em que não se dispõe de tempo para investigar, ou perante questões novas do dia a dia a que é preciso dar resposta, o recurso ao saber e à autoridade de um especialista pode ser necessário e é legítimo. A questão é que a autoridade não constitui só por si critério de validação das perspectivas e determinações de

\* Enfermeiro, Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

qualquer individualidade, mesmo que se lhe reconheça predominância hierárquica.

O *raciocínio lógico*, na tradição dos filósofos da Grécia clássica, baseia-se na capacidade intelectual e processa-se segundo sistemas formais de pensamento; a capacidade de fazer generalizações a partir de observações específicas — *pensamento indutivo* — ou predições específicas a partir de princípios gerais — *pensamento dedutivo*. A sua limitação está em que a validade dos resultados depende da verdade das premissas que são utilizadas na sequência dos raciocínios, verdade essa que quase sempre se aceita sem demonstração.

O *método científico* é um recurso da idade moderna. Embora as suas raízes remontem à antiguidade, aquilo a que podemos chamar “revolução científica” inicia-se só no século XVI e XVII com Copérnico, Bacon, Galileu, Decartes, entre outros (CERVO & BERVIAN, 1981). A investigação científica, usando a capacidade de raciocínio lógico, baseia-se no empírico (o conhecimento que resulta do contacto directo ou indirecto com os fenómenos através dos sentidos), mas passa para além dele, procurando as relações de causa efeito entre os fenómenos, descobrindo as leis que os regem, constituindo um sistema organizado, lógico e inteligível, a que chamamos ciência. A ciência é uma obra humana em construção contínua, alicerçada em metodologias sistemáticas e rigorosas, utilizando processos de controlo e de prova e com capacidade de autocritica e de auto-avaliação que minimizam os factores de confusão e erro.

O investigador baseia-se na experiência, utiliza o raciocínio lógico, pode recorrer a especialistas na matéria, mas rejeita a causalidade mágica.

## **Os Recursos de Conhecimento na Prática de Enfermagem**

Analisamos de seguida como alguns dos recursos referidos têm predominado na prática dos profissionais de enfermagem. Talvez com base nessa análise se compreenda melhor porque a investigação científica tardou (ou tarda) a ser associada à prática da prestação de cuidados.

Nos seus primórdios, a enfermagem seguiu a tradição dos cuidados maternos ou de controlo das pessoas doentes sob a orientação de autoridades médicas ou religiosas a quem cabia a prescrição dos tratamentos ou cuidados adicionais. Deste modo, as enfermeiras, naturalmente, tendiam a seguir a tradição e a aceitar os conhecimentos e ordens das autoridades sem mais questionamento.

Com Florence Nightingale, a enfermagem passou a ser ensinada em escolas próprias, cujo modelo foi decalcado por toda a Europa e pelo resto do mundo. Todavia, apesar da sua personalidade metódica, do seu esforço sistemático de registo e análise das observações e da sua capacidade de raciocínio hipotético-dedutivo, aspectos característicos da investigação científica, fundou o ensino da enfermagem moderna dentro da tradição militar, em que o conceito de autoridade é enfatizado (NOTTER & HOTT, 1992).

Não exclusivo da enfermagem, correspondendo ao que na época as mulheres podiam ter acesso, este modelo de ensino, em que se veiculava a confiança na tradição e na autoridade, baseava-se na transmissão dos conhecimentos considerados necessários e indispensáveis por essas mesmas autoridades e na aprendizagem de determinadas técnicas cujos princípios estavam fora de discussão. Neste quadro do ensino e prática de enfermagem, a investigação científica não tinha lugar.

A investigação em enfermagem só passou a fazer sentido quando alguns cursos de enfermagem adquiriram estatuto de formação universitária, o que ocorreu em primeiro lugar nos EUA, na primeira metade deste século. Nesse país, com base no pressuposto que a evolução da prática de enfermagem dependia sobretudo da melhoria da qualidade do ensino e da gestão dos serviços, as primeiras grandes linhas de investigação foram desenvolvidas nestes domínios, essencialmente por professores. A investigação de problemas directamente relacionados com a prática de cuidados só mais tarde se iniciou (a partir da década de 50).

## A Investigação em Enfermagem em Portugal

Centrando-nos agora no contexto da enfermagem portuguesa, julgamos não cometer nenhuma enormidade se afirmarmos que a investigação em enfermagem no nosso país ainda não tem História. De facto, embora um número significativo de enfermeiras e enfermeiros tenham desenvolvido trabalhos de investigação utilizando metodologias científicas, na grande maioria dos casos, estes serviram principalmente para cumprir uma exigência curricular, estudaram problemáticas mais ou menos laterais às questões dos cuidados de enfermagem e ficaram limitados aos arquivos das instituições ou serviços onde constituíram prova da aptidão dos seus autores para realizarem investigação científica, já que só uma minoria foi publicada em revistas de grande divulgação (que poucas existem em Portugal) e os seus resultados utilizados pelos profissionais prestadores de cuidados, para melhoria destes.

Antes de mais, devemos referir que não consideramos que este facto seja algo de anormal, no contexto do que se tem passado noutras áreas do saber e da técnica baseadas na investigação científica. Tomando como referência o atraso de 20 anos que neste domínio civilizacional nos separa do que se passa nos EUA e sabendo que aí a aceleração da investigação em enfermagem se deu na década de 50 (o primeiro número da revista *Nursing Research* é de 1952) e que, verdadeiramente, as temáticas ligadas à prática dos cuidados só passaram a ser objecto privilegiado de investigação a partir da década de 70, então, naturalmente, estamos agora a chegar ao princípio da nossa história. ... Está na hora de começar.

E esse começo é urgente, pois num contexto competitivo e de emergência de novas profissões, como é o caso da área da saúde, o domínio de intervenção de cada grupo profissional define-se pelas suas práticas e é legitimado pelos conhecimentos adquiridos através da investigação dessas mesmas práticas. A defesa e a conquista de um espaço profissional só é possível através da construção de um corpo de saberes próprio,

validado pelo rigor da metodologia em que se baseia e valorizado pela importância social da sua aplicação. Isto é, a investigação em enfermagem só tem valor social se contribuir para a melhoria da qualidade dos cuidados.

Mas para avançar é forçoso fazer uma ruptura com a tradição, o que não é fácil. É necessário adoptar uma atitude de curiosidade e de atenção à realidade, capaz de a problematizar, identificando questões relevantes a partir da prática dos cuidados. É necessário adoptar uma atitude crítica em relação aos saberes e práticas instituídas, questionar o fundamento do saber das autoridades. É fundamental adquirir saber no domínio das técnicas de investigação e competência criativa para formular hipóteses inovadoras e construir instrumentos adequados para medir as novas variáveis. É preciso esforço, persistência e rigor para cumprir as regras do método científico. Em suma, é determinante que a investigação científica seja entendida pelos enfermeiros como um novo imperativo ético: um compromisso no sentido da melhoria contínua dos cuidados e da dignificação profissional.

### Marcos precursores da história da investigação em enfermagem em Portugal

Afirmámos atrás que não se pode ainda falar em história da investigação em Portugal. Podemos, no entanto, assinalar alguns marcos precursores dessa história e que são visíveis sobretudo ao nível do ensino e da legislação aplicada à enfermagem. Baseados em de LIMA BASTO (1998), destacamos por ordem cronológica os seguintes acontecimentos:

#### *Década de 70*

- Divulgação e utilização pelos enfermeiros do “método de resolução de problemas”;
- Introdução na prestação de cuidados da metodologia do “processo de enfermagem”;
- Reformulação do Curso de Enfermagem Complementar (1974), introduzindo no seu plano de estudos a disciplina de “Investigação” e a exigência curricular de os alunos realizarem um trabalho utilizando metodologia da investigação científica;

- O Curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Pública (1977), inclui várias disciplinas relacionadas com a investigação científica (Investigação, Epidemiologia, Estatística) e nos estágios implementou a utilização de metodologia científica (Diagnóstico de Saúde de uma Comunidade, etc.).

- São criados os Mestrado em Ciências de Enfermagem, na Universidade Católica (1991) e no Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (1993).

### *Década de 80*

- A Carreira de Enfermagem (Dec. Lei 305/81 de 12 de Novembro) define a Investigação em Enfermagem como uma das funções do Enfermeiro Especialista;
- Os novos Planos de Estudo dos Cursos de Especialização (1983) incluem as disciplinas de Investigação, Estatística e Epidemiologia e prevêem a realização de um Trabalho de Investigação;
- O Curso de Pedagogia Aplicada ao Ensino de Enfermagem e o Curso de Administração de Serviços de Enfermagem (1987) incluem a realização de um Trabalho de Investigação, cujo relatório (sob a forma de uma dissertação) era argumentado perante um júri;
- O novo Plano de Estudos do Curso de Enfermagem Geral (1987) inclui uma disciplina de “Introdução à Investigação e Estatística”;
- Têm lugar em Portugal as primeiras “Conferências de Investigação em Enfermagem”, organizadas pela Associação Portuguesa de Enfermeiros.

### *Década de 90*

- Nesta década o realce vai para o acesso dos enfermeiros a cursos de mestrado e de doutoramento e para o aparecimento de algumas revistas de enfermagem vocacionadas para a divulgação de trabalhos de investigação.
- A Carreira de Enfermagem (Dec. Lei 437/91 de 8 de Novembro) reforça a atribuição funcional dos enfermeiros na realização e colaboração em trabalhos de investigação (particularmente os enfermeiros especialistas e enfermeiros-chefes) e atribui incentivos e bonificações pela realização de trabalhos de investigação;

## **Perspectivas para o Futuro**

Tendo em conta as tendências emergentes e a evolução em outros países, podem formular-se algumas perspectivas para o futuro da investigação em enfermagem no nosso país.

Os enfermeiros portugueses dispõem já das competências e dos mecanismos de orientação e de controlo para levarem a cabo trabalhos de investigação com validade científica. Existe a consciencialização da importância da investigação em enfermagem e os regulamentos da profissão prevêem-na como uma atribuição funcional dos enfermeiros. Os gestores de enfermagem começam a valorizar esse esforço e promovem-se iniciativas institucionais de incentivo à realização e divulgação dos estudos de investigação. As revistas que veiculam os seus resultados começam a ser viáveis, admitindo-se a sua influência na melhoria dos cuidados de enfermagem.

Deste modo, é previsível que cada vez mais as pesquisas se orientem no sentido de fornecer respostas para questões da prática directa dos cuidados (condições do utente, intervenções de enfermagem e resultados dos cuidados), pondo cobro ao predomínio dos trabalhos nas áreas do ensino e da administração dos serviços de enfermagem, bem como do investimento em questões de interesse menos directo (medicina, psicologia, sociologia, etc.).

Em resumo, temos pela frente os seguintes desafios que só o recurso à investigação científica permitirá enfrentar com sucesso:

- Uma cada vez maior consciencialização da importância da investigação em enfermagem, particularmente dos enfermeiros gestores:
  - Incentivando e criando condições para a execução de trabalhos de investigação nos serviços;

- Valorizando nos concursos profissionais a realização e a publicação de trabalhos.
- Uma maior consciência das administrações dos serviços de saúde sobre os elevados custos dos cuidados de enfermagem:
  - Pressionando à racionalização dos cuidados e à justificação científica dos custos que lhes são afectos, tendo em conta os seus benefícios efectivos;
  - Obrigando à validação/justificação dos cuidados com base em estudos científicos.
- Uma maior concorrência profissional, com o aparecimento no campo da saúde de novos profissionais ciosos de conquistar e legitimar um espaço de prática:
  - Evidenciando a necessidade de validar um corpo de “saber enfermagem” e de promover o seu reconhecimento entre a comunidade científica e o público em geral;
  - Determinando a exigência de validação das práticas, dirigindo-as com base em teorias e modelos específicos da enfermagem e de modo a otimizar os resultados das intervenções.

Enfrentar todos estes desafios só terá sentido se resultar na melhoria dos serviços oferecidos pelos

enfermeiros à comunidade. Como disciplina prática, a enfermagem não pode entender a investigação sem ser numa perspectiva de aplicação, uma forma de contribuir para a melhoria dos cuidados de saúde.

## Bibliografia

D'ANTÓNIO, Patrícia – Toward a History of Research in Nursing. *Nursing Research*, vol. 46, n.º 2, Março/Abril de 1997. pp. 105-110

CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino – *Metodologia Científica*. 2ª ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.

KIERKVOLD, Marit – Investigação Integradora: Uma Estratégia para o maior Desenvolvimento da Ciência de Enfermagem e da Prática de Enfermagem. *Enfermagem*, nº 6, Outubro/Novembro de 1995. pp. 17-27

LIMA BASTO, Marta – Evolução da Investigação em Enfermagem em Portugal. *Pensar Enfermagem*, vol. 1, n.º 2, 1º semestre de 1998. pp. 17-19

NOTTER, Lucille E.; HOTT, Jacqueline Rose – *Principios de la Investigacion en Enfermaria*. Barcelona: Ediciones Doyma, 1992.

POLIT, Denise; HUNGLER, Bernardete – *Investigación Científica en Ciencias de la Salud*. 4ª ed. Mexico: Interamericana, McGraw-Hill, 1994.